Piercing de peixe

LIANA JOHN

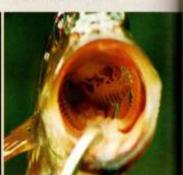
Como alguns jovens mais ousados dos anos 2000, algumas espécies de peixe ostentam estranhos adereços na língua. Com a diferença de se tratarem de 'piercings vivos'!

Esse foi o caso de um dos jovens tucunarés pescados pelo repórter Dirceu Martins, no rio Negro. Ele tinha uma cigarrinha (Philostomella cigarra) firmemente fixada na língua, O pequeno crustáceo costuma se instalar de costas para a garganta e de frente para a boca de peixes carnivoros, de modo a aproveitar as presas capturadas e ingeridas por eles. A cigarrinha tem 7 pares de garras e usa 3 ou 4 para se fixar na língua do peixe, deixando os demais livres para triturar o alimento.

O 'piercing vivo' pode permanecer na boca do hospedeiro por 60 a 70 días e a pressão de suas garras chega a provocar a atrofia da língua, conforme explica o especialista Paulo Ceccarelli, do Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros Continentais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Cepta/ICM-Bio). "No entanto, nem sempre a cigarrinha é um parasita", ressalva ele, "O peixe-cadela (Cynopotamus humeralis) tem uma relação de comensalismo com a cigarrinha: a forma como o crustáceo tritura o alimento facilita a digestão do peixe, que fica mais saudável e cresce mais rápido".







de sangue e provoca feridas no hospedeiro. Prejudica o crescimento e pode até matar. Retiramos o 'adereço' do nosso peixe antes de devolvê-lo à água.

Ai, os tucunarés maiores resolvem dar as caras. Primeiro, pego um paca de 2 kg, em seguida travo uma briga boa com um de 3,8 kg. Edi vê o peixe primeiro e me orienta. O guia merece, no minimo, metade do crédito desta vez.

Explorar o rio Negro é descobrir que o silêncio esconde um mundo em evolução. As árvores caídas nas margens

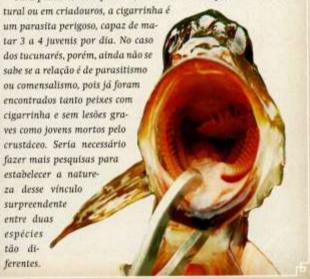
A cigarrinha fica grudada na língua do tucunaré

mostram a face violenta das águas: de um lado do río elas cavam, do outro lado acumulam sedimentos. As árvores, sob pressão, equilibram-se num malabarismo de sobrevivência, antes de desabar num mergulho inevitável. Mas se o ambiente está em equilibrio, um fenômeno compensa o outro. A árvore que cai abre espaço e a luz estimula o crescimento de outras plantas.

Na outra margem, o que para a navegação é um banco de areia, para a biologia é um banco genético. Edi, nascido e criado por aqui, tem olhos para encontrar o que a maioria não vê, como um ninho de curiango feito no chão.

A semente de saboarana (Dalbergia spruceana) viaja quilômetros pela água. De acordo com Ceccarelli, cerca de 90% dos peixes-cadela do rio Mogi-Guaçu têm a 'cigarrinha-piercing' na língua. E sempre são cigarrinhas fêmeas, com até 2,6 cm. "Todas as cigarrinhas nascem machos e se tornam fêmeas ao se instalarem no peixe hospedeiro. Elas então passam a liberar um feromônio na água, que impede o crescimento dos machos próximos, cujo tamanho se limita a 1,5 cm. A fêmea também carrega uma bolsa com cerca de 100 ovos ou larvas, que já saem prontos para se fixar em outro peixe", complementa o pesquisador.

Para peixes como o pintado, a corvina e a tilápia, em meio na-





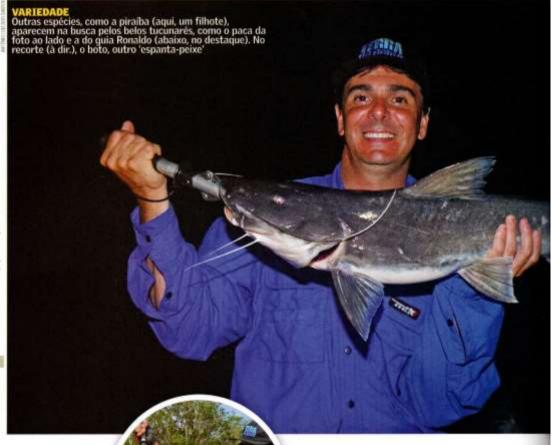
Quando encontra a areia, já vai se sentindo 'em casa' e botando as raizes para fora. Muito bem adaptada a solos de baixa fertilidade, a espécie é uma campeā na taxa de germinação: de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), 94% de suas sementes 'vingam'.

O guia vê mais traços de vida na areia. As pegadas são de tracajá (Podocnemis unifilis), tartaruga muito comum na Amazônia. Os adultos pesam em média 8 kg e chegam a 68 centimetros de comprimento. Podem viver até 90 anos, se escaparem ao homem. Seguimos as pegadas e adiante cavamos com cuidado. A 25 cm encontramos o primeiro ovo. E outro, e mais outro... Contamos 20 ovos e logo os devolvemos com o mesmo cuidado, disfarçando bem o ninho, na esperança de que ninguém mais ache. E deixamos nosso canto perdido na curva do rio.

Na manhā seguinte, mais ação! Um dia inteiro atrás dos tucunarés. Nas primeiras horas, ânimo, temperatura amena e paisagens magnificas. Moitas de molongó (Ambelania tenuifloru), colónias de palmeiras jará (Leopoldinia puldru) e jauari (Astrocaryum jauari), muitos arremessos e poucos peixes. O jeito é trocar de isca: sai a jumping minnow – a popular João Pepino – e entram a prima e a flash minnow.

Depois do almoço, voltamos ao esporte. Ronaldo descobre uma multidão de tucunarés, numa entrada de lago. É um festival: paca, borboleta, pitanga, açu. Um atrás do outro. O pescador





põe peso na emoção e tira o maior peixe da viagem, até aqui: 4.8 kg. Quando completamos 10 horas de arremessos, chegamos perto de uma boa

marca. Já estamos com 39 peixes, 29 do Ronaldo e 10 meus. Se pegarmos mais um, encerramos. Então, repentinos como apareceram, os peixes desaparecem. A luz baixa e não pegamos mais nada. A pescaria de 12 horas acaba sem número redondo.

Seguimos rio
acima, para um
emaranhado
de paranās, em
busca dos tucunarés gigantes.
Uma árvore caida
bloqueia o canal. Em
vez de tirar os galhos, acres-

centamos mais alguns paus e fazemos o barco saltar. Mal comemoramos e logo aparecem mais barreiras. Aos poucos, a 'brincadeira' fica pesada. No meio da floresta, o calor e a umidade castigam. O fio de água do riacho às vezes desaparece. Ai, é força no braço e todo mundo ajudando... Agora não dá mais para desistir. Passamos da metade do caminho e voltar seria pior.

Atingimos um ponto onde o barco já navega. José Jair vai em pé, 'no mará', como ele diz. As moitas de molongôs prometem ação, que logo vem. Ronaldo pega primeiro, eu arrisco na mesma moita e fazemos um dublê de tucunaré. Ronaldo acaba perdendo o dele, mas eu embarco e solto um belo tucunarépaca de 3,2 kg!

Seguimos na pescaria, mas não estamos sozinhos. Vultos nadam à nossa volta, lisos e rápidos, como miragens. É um bando grande de ariranhas, a





As moitas de molongós prometem ação, que logo vem, nos doublês de tucunaré-paca

maior espécie de lontra do mundo, chegando a 2 metros e 34 kg. Dá gosto ver tantas assim, de uma vez só! A pescaria está arruinada, mas o encontro vale a pausa forcada.

Deixamos para retomar à tarde, em outro lago. Edi me aponta o lugar certo para o arremesso. O bicho salta... e se solta! Um salto espetacular! Sem o guia Ronaldo, sigo à risca os palpites e recomendações do guia local. Nestes 5 dias, aprendi que ele não costuma perder palavra. Edi chama minha atenção para um 'chuveirinho': filhotes no meio e pais - macho e fêmea - ao redor. Jogo a linha um pouco depois e vou puxando, para fazer a isca passar no meio do 'chuveirinho'.

Não dá outra. A linha afunda bonito. A mão treme. O coração vai a mil! Fisgo e Edi adianta: "É o peixe da viagem!"

É um macho, adulto, forte e furioso! Após uma briga boa, embarcamos. E a balança acusa 9 kg! O gigante do rio Negro reluz ao entardecer, com toda a majestade de um predador voraz. Fazemos pose dupla para a foto: "Um trabalho de equipe", diz, generoso, Edimar de Souza, com a sensação de missão cumprida.

O lago recebe de volta seu 'astro'.

O dourado do peixe se funde ao negro do río, uma combinação perfeita de merecida continuidade.

